

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO MARACUJÁ: ESTUDO NA MESORREGIÃO DO SUL CATARINENSE

Autor(es): Rogério Goulart Junior¹; Marcia Mondardo; Henrique Belmonte Petry.

Filiação: Epagri/Cepa - SC

E-mail: rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Grupo de Pesquisa: Comercialização, Mercados e Preços

Resumo

O estado de Santa Catarina tem seu espaço rural ocupado, em grande parte, por pequenas propriedades de agricultores familiares. A produção agropecuária catarinense é bastante diversificada, o que contribui para um melhor dinamismo desse setor na economia local. A produção catarinense de maracujá tem reconhecimento nacional principalmente em relação à qualidade dos frutos, características socioeconômicas e tecnológicas dos cultivos. Entretanto, ainda há relativa insegurança quanto a sua consolidação como atividade alternativa e rentável para o agricultor familiar. Em parte, isso se deve a carência de informações e estudos a respeito das principais dinâmicas socioeconômicas dos atores envolvidos na cadeia produtiva. Assim, se torna necessário fomentar pesquisas e levantamentos socioeconômicos, para que se possa conhecer a situação atual e verificar tendências e alternativas estratégicas de produção e comercialização a serem adotadas pelos produtores e/ou cooperativas da cultura do maracujazeiro no meio rural. O trabalho se propõe a caracterização da produção e comercialização do maracujá-amarelo no Sul Catarinense.

Palavras-chave: Economia agrícola - Fruticultura - Maracujá - Santa Catarina.

Abstract

The state of Santa Catarina has its rural area occupied, in large part, by small farms of familiar farmers. The agricultural production in Santa Catarina is very diversified, which contributes to a better dynamism of this sector in the local economy. The Santa Catarina production of passion fruit has national recognition mainly in relation to fruit quality, socioeconomic and technological characteristics of the crops. However, there is still relative insecurity about its consolidation as an alternative and profitable activity for the family farmer. In part, this is due to the lack of information and studies about the main socioeconomic dynamics of the actors involved in the production chain. Thus, it is necessary to promote socioeconomic research and surveys, so that the current situation can be known and trends and strategic alternatives of production and commercialization to be adopted by producers and / or cooperatives of passion fruit cultivation in rural areas. The work proposes the characterization of the production and commercialization of yellow passion fruit in South Catarinense.

Key words: Agricultural Economics - Fruticulture - Passionfruit - Santa Catarina

1. Introdução

O estado de Santa Catarina tem seu espaço rural ocupado, em grande parte, por pequenas propriedades de agricultores familiares. Dos 193 mil estabelecimentos agropecuários existentes no estado, 168 mil (87%) são de agricultores familiares e respondem por 64% do valor bruto da produção agropecuária, sendo na maior parte de produção de alimentos (IBGE, 2009).

A produção agropecuária catarinense é bastante diversificada, o que contribui para um melhor dinamismo desse setor na economia local. O estado é um dos principais produtores nacionais de produtos agrícolas (EPAGRI/CEPA, 2016).

De modo geral a evolução da produtividade é crescente, mas, pode haver espaço para incremento por meio de tecnologias e práticas de manejo e inovações sociais ou de gestão com diminuição de custos de transação e de produção, com reflexos diretos no desempenho e competitividade das cadeias produtivas locais.

Apesar desse dinamismo, o meio rural catarinense conta com antigos e novos desafios sociais, econômicos e ambientais a serem enfrentados.

No modelo de desenvolvimento agrícola catarinense apresenta a coexistência de dois modos de produção: um baseado em cadeias produtivas em que os produtores estão, na sua maioria, vinculados às agroindústrias e grandes cooperativas; e outro, com padrão diferenciado, que contempla atividades produtivas, relações de mercado e formas de organização mais diversificadas, além de atividades não agrícolas.

A ampliação da competitividade da agricultura e da agroindústria catarinense, a redução da exclusão social e a sustentabilidade ambiental são desafios permanentes para as políticas e ações públicas.

É de fundamental importância o apoio à modernização tecnológica dos sistemas produtivos já consolidados; como também, o reconhecimento, a promoção e a valorização de novas cadeias produtivas e novas funções e configurações do mercado agrícola no estado.

A agropecuária brasileira gera um valor bruto da produção estimado em mais de R\$510,0 bilhões, sendo que Santa Catarina é responsável por cerca de 4%, com mais de R\$22,0 bilhões.

Conforme Epagri/Cepa (2015), no estado catarinense, a pecuária que representa mais da metade do setor agropecuário catarinense é responsável por 53% do VBP agropecuário estadual com mais de R\$11,0 bilhões. As lavouras temporárias e permanentes são responsáveis por 39%, ou seja, mais de R\$8,4 bilhões do VBP agropecuário estadual. Nas lavouras catarinenses, 19% do VBP da agropecuária estadual são de grãos, 14% são de outras lavouras temporárias (principalmente fumo e horticultura) e 5,5% são de lavouras permanentes (da fruticultura) com mais de R\$1,1 bilhão.

Assim, se torna necessário fomentar estudos de mercado potencial para a fruticultura catarinense, levantamentos socioeconômicos, sistematização e análise dos dados das frutas produzidas com maior representação econômica no estado, para que se possa conhecer a situação atual e verificar tendências e alternativas estratégicas de produção e comercialização a serem adotadas pelos produtores e/ou cooperativas no meio rural.

Na cultura do maracujazeiro, como no setor de frutas, há necessidade de informações agrícolas e socioeconômicas sobre os produtores, manejo da produção e canais de comercialização, devido ao representativo retorno econômico desta atividade no setor frutícola catarinense.

Para Buainain & Batalha (2007), a produção de frutas em lavouras permanentes em pequenas áreas (de 1 a 20 ha) se viabiliza economicamente com volumes de investimentos muito inferiores ao de outros segmentos do agronegócio, o que torna a fruticultura um negócio atraente para o mercado e para o desenvolvimento rural sustentável.

Por isso é determinante o levantamento de dados e informações socioeconômicas com estudos e análises sobre a caracterização e o potencial de mercado das cadeias produtivas das principais culturas de frutas, como o maracujá no Sul Catarinense.

O trabalho se propõe a caracterização da produção e comercialização da “fruta da paixão” na cultura do maracujazeiro no Sul Catarinense.

2. Mercado mundial e brasileiro

A fruta da paixão (*passionfruit*), com também é conhecido o maracujá (*maracuya ou grenadille*), é amplamente apreciada em países produtores da América Latina, África e Ásia, onde a fruta é comumente processada em suco e outros produtos.

No Brasil, existem mais de 200 espécies conhecidas. No entanto, três apenas são cultivadas: o maracujá amarelo (*P. edulis flavicarpa*), o doce (*P. alata*) e o roxo (*P. edulis*). Dessas, somente o maracujá amarelo tem expressão comercial. Quase a totalidade da produção brasileira é da variedade amarelo ou azedo, que tem melhor aproveitamento industrial, destino de boa parte da fruta para fabricação, principalmente, de suco (NGMC/NARI, 2004).

Conforme FAO (2011), a produção mundial de maracujazeiro vem aumentando, e, em 2010, ficou em torno de mais de 1,6 milhão de toneladas (FAO, 2011 e IBGE, 2017).

O Brasil é o maior produtor e consumidor de maracujá, com 56,3% da produção mundial seguido pelo Equador com 24,1%. Indonésia e Colômbia também possuem produção expressiva, como o Quênia e outros países, principalmente, africanos e latino-americanos.

O Equador é o segundo grande produtor e um dos maiores exportadores mundiais de processados. A maioria da produção do Equador é para processamento de suco, principalmente, do maracujá roxo que tem menor acidez. Em 2008, foram exportadas 18 mil toneladas de suco concentrado para a União Europeia (70%) e para os EUA (18%) (USAID/KHCP, 2011). No entanto, o Equador é atormentado por ciclos de crescimento e queda devido a problemas de produção relacionados com pragas e doenças, além de eventos climáticos adversos.

O mercado internacional de maracujá fresco começou a crescer à partir do aumento do consumo de frutas exóticas na Europa e nos Estados Unidos da América. As estatísticas do comércio mostram que o maior importador de frutas tropicais é os EUA, seguido pela União Europeia, Japão e China. O maior mercado de frutas exóticas frescas é o Reino Unido, com sendo que a comercialização de maracujá (*passionfruit*) é estimada em 1,8% (com mais de US\$8,7 milhões em 2009).

Segundo CIRAD (2008), pesquisas da organização francesa de investigação agrícola indicam que a maior parte da quantidade de maracujá vendida nos mercados europeus é composta por variedades roxas e é enviada principalmente da África Oriental e Austral (Quênia, Zimbábue, África do Sul, etc.) e Colômbia. Estas importações passam pela Bélgica, França, Reino Unido e Itália, com volumes adicionais recebidos de pontos de transbordo como os dos Países Baixos e Espanha.

Conforme USAID/KHCP (2011), em 2007, as importações de maracujazeiro-fresco foram de cerca de 4,0 milhões de toneladas, avaliadas em US\$18 milhões e estimadas para 2,5 milhões de toneladas em 2005-2006. A partir do período entre 2006-2008, as importações da UE aumentaram de forma constante até uma pequena queda em 2009 como consequência dos

limites de oferta relacionados com o clima e a retração da demanda global de produtos durante a crise econômica de 2008/2009.

Em 2011, segundo FAO (2011) esperava-se uma queda na produção devido a uma seca no Equador o que resultou em uma perda de colheita de 40%. Um grande número de maracujazeiros equatorianos está no final de seu ciclo de vida de dois anos, o que implica outra restrição de oferta potencial. Os produtores terão de decidir se replantar ou alternar para culturas alternativas, tais como óleo de palma, cacau ou milho. Com custos de produção mais elevados a oferta em 2012 foi menor com um atraso de nove meses em novas colheitas de frutas.

O Brasil é o maior produtor de maracujá do mundo, mas não é um exportador de significância devido ao alto consumo doméstico. O país tem há muito tempo uma indústria de maracujá bem estabelecida com plantas para extração de suco e importa concentrado de suco de outros países, como o vizinho Equador, para suprir a sua demanda interna.

Produção brasileira

Em 2014, a produção brasileira estava em mais de 800 mil toneladas em cerca de 60 mil hectares de área em produção, mas a demanda doméstica é tal que o país importa suco concentrado de outros países. O maracujazeiro amarelo é responsável por 95% da produção e é negociado para processamento de suco ou para o consumo in natura. O maracujá roxo participa com os outros 5% restantes e é vendido no mercado de frutas frescas devido em parte à sua baixa acidez.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PAM/IBGE, 2017) a área total colhida de maracujá entre 2014 e 2015 diminuiu 10,0 %, sendo o principal responsável o estado da Bahia que na safra 2014/15 sofreu com os impactos da severa seca nas regiões produtoras irrigadas. Em 2015, a Bahia foi responsável por 41,4% da área total colhida de maracujá; e seguido dos estados do Ceará com 23,1%, Minas Gerais com 5,1% e dos estados do Espírito Santo e Sergipe com o mesmo percentual de 4,6%.

A produção apresentou diminuição de 15,6% na quantidade produzida entre 2014 e 2015, como consequência da restrição de áreas contaminadas ou com falta da vazão de água necessária para a irrigação dos pomares de maracujá. Em 2015, o estado baiano foi responsável por 42,8% da produção total de maracujá e gerando 32,1% do valor bruto da produção brasileira de maracujá que foi de R\$921,3 milhões. O estado do Ceará, com 13,4% da quantidade produzida participou com 13,5% do valor bruto da produção, seguido pelos estados mineiro e capixaba, com 5,4% da produção de maracujá.

No período entre 2012 e 2015 a taxa média de crescimento anual da área total colhida foi negativa em 4,2%. No do Ceará a taxa média anual de crescimento foi negativa em 9,9%, pois, o estado sofreu com problemas fitossanitários nos pomares e uma das piores secas nas regiões produtoras durante as safras 2013/14 e 2014/15 ocasionando a redução das áreas de produção da cultura.

Mas, nos estados de Santa Catarina e Amazonas com novas áreas em produção e com pesquisas agropecuárias (Embrapa Amazônia Ocidental e Epagri/SC) as taxas médias anuais foram positivas em 57,9% e 19,9%, respectivamente.

Na produção da fruta, a taxa média de crescimento anual, entre 2012-15, foi negativa com redução da quantidade produzida em 3,6% por ano. O Ceará, como reflexo da diminuição nas em produção, apresentou um taxa média de crescimento negativa de 19,6% por ano, no período.

Contrapondo a tendência nacional, o estado catarinense incrementou sua produção a uma taxa média de crescimento positiva de 55,6% por ano, seguido pelo estado amazonense com 26% e o estado do Paraná com 14,9%.

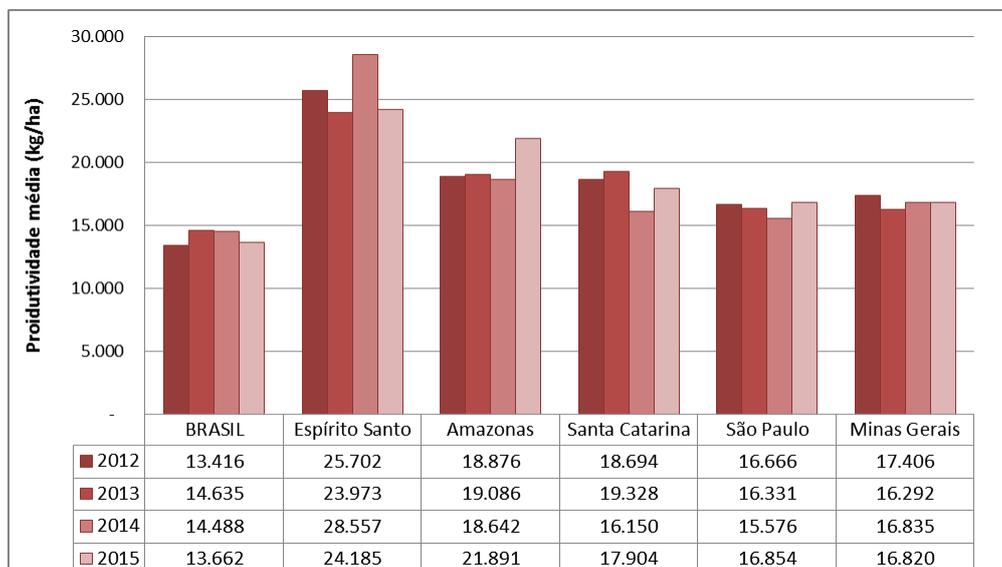
Tabela 1 – Brasil: 10 principais estados produtores de maracujá entre 2012-2015

Unidade territorial	Área colhida (ha)				Quantidade produzida (t)			
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015
Bahia	29.938	29.695	30.657	24.345	320.945	355.020	381.192	297.328
Ceará	8.132	9.319	6.500	5.952	179.243	213.902	144.024	93.079
Espírito Santo	1.389	2.002	2.463	1.560	35.700	47.993	70.335	37.728
Minas Gerais	2.262	2.032	2.228	2.220	39.373	33.106	37.509	37.340
Pará	2.581	1.933	1.920	2.919	26.837	20.786	20.329	33.154
Sergipe	3.944	3.376	3.226	3.188	35.977	32.289	30.784	30.387
Amazonas	662	1.228	1.108	1.142	12.496	23.438	20.655	24.999
Santa Catarina	340	795	1.313	1.338	6.356	15.366	21.205	23.956
São Paulo	1.691	1.381	1.296	1.406	28.182	22.553	20.187	23.697
Paraná	862	840	977	1.134	10.893	11.255	12.960	16.532
Brasil	57.848	57.277	56.825	50.837	776.097	838.244	823.284	694.539

Fonte: PAM/IBGE (2017)

Em 2015, a produtividade média brasileira foi de 13.662 kg/ha com redução de 5,7% entre as safras 2013/14 e 2014/15. Mas, houve crescimento médio anual a uma taxa de 0,6%, entre 2012 e 2015. Os estados do Espírito Santo, Amazonas, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Ceará apresentam produtividades maiores que a média nacional no período.

Mas, os estados com desempenho produtivo positivo no período foram apenas o Amazonas com taxa média de crescimento positiva considerável, de 5,1% por ano; e o estado paulista com crescimento médio anual a uma taxa de 0,4%. Contudo, o estado de Santa Catarina recupera sua produtividade média com ganho de área e produção com investimento na organização da produção e pesquisas agropecuárias da Epagri/SC e cooperativas regionais.



Fonte: PAM/IBGE (2017)

Figura 2 – Brasil: principais estados em produtividades médias na cultura do maracujá

Em 2015, entre as 12 principais mesorregiões produtoras de maracujá sete estão no estado da Região Nordeste (Bahia, Sergipe e Ceará), duas nas Regiões do Norte (Pará, Amazonas) e Sudeste (Espírito Santo e Minas Gerais) e uma na região Sul (Santa Catarina).

O Norte e o Nordeste brasileiro são regiões de crescimento fértil, com período de colheita que dura de 10 a 12 meses. Em 2015, a mesorregião do Centro Sul Baiano (BA) foi responsável por 35,9% da área colhida da fruta, com produção de 29,6% do total nacional e gerando um valor bruto da produção de R\$194,3 milhões, ou seja, 21,1% do valor bruto da

produção brasileira de maracujá. O Noroeste Cearense (CE) e Nordeste Baiano (BA) são as outras regiões com grande representação na cultura do maracujazeiro, com quantidade produzida de 12,4% e 6,2% do total brasileiro, e representando 12,1% e 5,3% do valor bruto da produção nacional da fruta. Mas, as mesorregiões do Norte Paraense (PA) e Centro Amazonense (AM) são as que apresentam as taxas médias de crescimento da área e produção mais altas no grupo, com 7,5% e 22,5% na área colhida; e 8,0% e 29,8% na produção, respectivamente.

As regiões Sul e Sudeste do Brasil tem um período de colheita mais curto com cerca de oito meses. Em geral, as estações de pico de colheita ocorrem de fevereiro a abril, com período que começa em novembro e termina em junho. Em 2015, a mesorregião do Sul Catarinense (SC) foi a mais representativa no crescimento médio anual da área colhida, com taxa de 64,0%, e na quantidade produzida, com 62,3%; enquanto, o VBP representou 2,4% do total nacional e gerados por 3,0% da produção em 2,3% da área colhida da fruta no Brasil.

Tabela 2 – Brasil: 12 principais regiões produtoras de maracujá entre 2012-2015

Mesorregião	Área colhida (ha)				Quantidade produzida (t)			
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015
Centro Sul Baiano (BA)	19.073	19.197	20.228	18.271	190.765	220.883	250.372	205.892
Noroeste Cearense (CE)	7.836	9.030	6.189	5.556	175.456	210.111	138.963	86.186
Nordeste Baiano (BA)	7.104	7.177	7.479	3.353	68.345	76.148	76.632	42.820
Litoral Norte Espírito-santense (ES)	1.140	1.714	2.086	1.254	30.150	41.930	61.430	31.210
Sul Baiano (BA)	1.936	1.766	1.769	1.655	33.276	31.514	32.695	30.742
Nordeste Paraense (PA)	1.613	1.132	1.195	2.003	18.085	12.537	12.962	22.799
Centro Amazonense (AM)	550	1.063	975	1.011	10.381	20.537	18.191	22.712
Agreste Sergipano (SE)	2.443	1.978	2.253	2.225	23.238	19.776	22.454	22.159
Sul Catarinense (SC)	268	669	1.162	1.183	4.666	13.176	18.349	21.088
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	984	903	1.012	1.005	16.196	14.735	15.682	17.468
Vale São-Franciscano da Bahia (BA)	1.211	1.040	679	634	19.875	18.623	13.784	11.916
Leste Sergipano (SE)	1.501	1.394	967	957	12.739	12.453	8.240	8.138

Fonte: PAM/IBGE (2017)

Assim, o estado catarinense se destaca na cultura do maracujazeiro, com produtividades acima da média brasileira e as maiores taxa médias de crescimento anual de área colhida e produção no período entre 2012 e 2015. Em Santa Catarina, o maracujá na mesorregião do Sul Catarinense representa mais de 84% da produção e valor bruto da produção estadual da fruta.

3. Mercado de Santa Catarina e a mesorregião Sul Catarinense

No final da década de 1990 a cultura cíclica do maracujazeiro chegou a representar volumes maiores que os atuais na produção; porém, com safras inconstantes e grandes perdas de áreas devido a problemas fitossanitários com doenças características da cultura.

A partir disso, alguns poucos produtores e pesquisadores que permaneceram envolvidos com a cultura e novos que chegaram recentemente trabalharam com adequações e melhorias nos sistemas de produção e na comercialização a ponto determinarem nova etapa para o desenvolvimento do maracujazeiro no estado.

Produção catarinense

Em Santa Catarina a fruticultura vem ocupando um papel de destaque à medida que contribui para a geração de renda de milhares de famílias rurais, principalmente, em pequenas propriedades.

Neste contexto, na safra 2014/15, o setor frutícola representou mais de 55 mil hectares colhidos com 14 mil produtores e produção de 1,5 milhão de toneladas gerando cerca de R\$1,0 bilhão de valor bruto da produção frutícola no estado (EPAGRI/CEPA, 2016).

Nos resultados da pesquisa da safra 2014/15, a cultura do maracujazeiro participou com 1,5% da produção estadual da fruticultura gerando 2,5% do VBP total frutícola. Com 656 produtores em 46 municípios catarinenses, a produção de maracujá representou 2,4% da área em produção.

No estado catarinense, o maracujá obteve 19% de aumento valor bruto da produção entre as safras 2012/13 e 2014/5, com mais de R\$ 25,5 milhões na última safra, sendo a sexta fruta de maior expressão econômica e produtiva (GOULART, JR; REITER; MONDARDO, 2016).

Conforme a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM/IBGE, 2017), a área colhida de maracujá em Santa Catarina aumentou 1,9% entre 2014 e 2015. A mesorregião do Sul catarinense participa com 88,4% da área total em produção estadual, sendo que a microrregião de Araranguá é responsável por 86,5% da área total colhida catarinense. A microrregião da Grande Florianópolis é a segunda em participação na área de maracujá, com 9,6%, distribuídos nas microrregiões de Tijucas, Florianópolis e Tabuleiro, com 6,0%, 2,5% e 1,1%, respectivamente.

Entre 2014 e 2015, a produção de maracujá aumentou 13% no estado catarinense, sendo que a mesorregião Sul Catarinense aumentou 14,9% representando 86% da produção no ano de 2015. Com um taxa média de crescimento na produção de 65,3% por ano, e de mais de 83,2% no valor bruto da produção, no período 2012 a 2015, a mesorregião Sul Catarinense é a referência na produção de maracujá entre os estados sulinos.

Tabela 3 – Santa Catarina - Regiões produtoras de maracujá entre 2012-2015

Mesorregiões/Microrregiões	Área colhida (Hectares)				Quantidade produzida (Toneladas)			
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015
Sul Catarinense	268	669	1.162	1.183	4.666	13.176	18.349	21.088
Araranguá (SC)	256	658	1.145	1.158	4.446	12.982	18.155	20.598
Criciúma (SC)	4	9	9	14	60	162	162	246
Tubarão (SC)	8	2	8	11	160	32	32	244
Grande Florianópolis	63	101	126	128	1.518	1.620	2.316	2.316
Tijucas (SC)	60	80	80	80	1.500	1.200	1.200	1.200
Florianópolis (SC)	3	21	31	33	18	420	720	720
Tabuleiro (SC)	-	-	15	15	-	-	396	396
Norte Catarinense	5	21	21	23	118	516	486	498
Joinville (SC)	5	21	21	23	118	516	486	498
Vale do Itajaí	4	4	4	4	54	54	54	54
Rio do Sul (SC)	2	2	2	2	30	30	30	30
Blumenau (SC)	2	2	2	2	24	24	24	24
Santa Catarina	340	795	1.313	1.338	6.356	15.366	21.205	23.956

Fonte: PAM/IBGE (2017)

Conforme os dados do levantamento da fruticultura comercial catarinense (Epagri/Cepa, 2015) a cultura do maracujazeiro está concentrada na mesorregião do Sul Catarinense com 84% da produção e do VBP da fruta (GOULART JR. et al., 2016).

Na safra 2014/15, o maracujá, na microrregião de Araranguá, apresentou área colhida de cerca de 1,0 mil hectares participando com 82% da quantidade produzida de fruta e 81% do valor bruto da produção da cultura do maracujazeiro. As microrregiões de Criciúma e de Tubarão juntas contribuíram com cerca de 2% da produção e 3% do VBP da fruta.

O restante da produção está distribuído na mesorregião da Grande Florianópolis com a produção de 1,5 mil toneladas com 6,7% da produção da fruta e gerando um valor bruto de R\$ 1,6 milhão ou 6,5% do VBP da fruta. Já, o Norte Catarinense é responsável por 5% da produção e do VBP.

4. Pesquisa na mesorregião Sul Catarinense

Com dados da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM/IBGE, 2012 a 2015) e dos resultados do levantamento de dados referente à produção frutícola comercial da fruticultura na safra 2014-15 (Epagri/Cepa, 2016) foi organizado um levantamento socioeconômico com a caracterização do produtor e da produção do maracujazeiro no Sul Catarinense. Este levantamento de dados está vinculado ao projeto de pesquisa “Estudo do mercado potencial da cadeia produtiva do maracujá no Sul Catarinense” junto ao Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa) da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

Conforme Gil (1990), a pesquisa descritiva inclui estudos com utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados que tem como objetivo estudar as características de um determinado grupo, setor ou população com a análise das relações entre as variáveis e investigação da existência de possíveis associações entre elas e/ou determinação da natureza dessas relações para a compreensão do fenômeno em questão.

Neste trabalho é analisado o resultado parcial do “levantamento socioeconômico da cultura do maracujá” com relação à utilização das áreas de lavouras em produção, quantidade produzida, composição da renda, preço médio ao produtor na safra 2015/16, e principais canais de comercialização. O levantamento de dados realizado através de pesquisa de campo por amostragem (BUSSAB & MORETTIN, 2003; IBGE, 2009; EPAGRI/CEPA, 2016; MINGOTI, R. et al., 2014) nos principais municípios produtores de maracujá das microrregiões geográficas de Araranguá, Criciúma e Tubarão que compõem a mesorregião do Sul Catarinense.

Os pesquisadores/analistas da Epagri na Estação Experimental de Urussanga e no Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa) realizaram reuniões com os grupos de técnicos municipais e agricultores relacionados à cultura do maracujá na mesorregião do Sul Catarinense para a elaboração de levantamento de dados com aplicação de questionário em amostra representativa de número de produtores municipais de maracujá na safra 2014/15. A pesquisa a campo foi realizada através de formulários/questionários semiestruturados (resultado de discussão com técnicos da região) aplicados por técnicos da Epagri e enviados para tabulação dos dados, crítica de consistência e validação pela equipe de pesquisadores/analistas no Epagri/Cepa.

O questionário foi aplicado em amostras probabilísticas de unidades de produção distribuídas nos municípios com representação na produção de maracujá. O dimensionamento da amostra (66 unidades) foi determinado para o conjunto de produtores e posteriormente as unidades foram distribuídas proporcionalmente entre os principais municípios produtores da mesorregião do Sul Catarinense.

4. Resultados na mesorregião Sul Catarinense

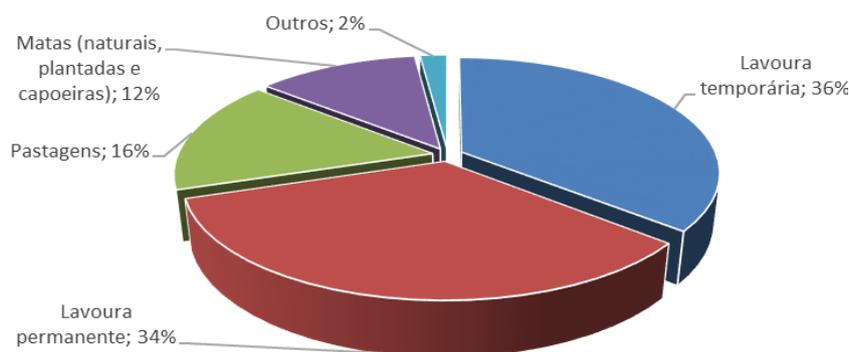
Os dados apresentados a seguir são resultados parciais da pesquisa descritiva referente ao “Estudo do mercado potencial do maracujá no Sul Catarinense” sobre o levantamento de dados em amostra representativa da mesorregião geográfica.

Os municípios da mesorregião Sul Catarinense que compuseram a amostra representam, segundo Epagri/Cepa (2016), 81,4% da área colhida da mesorregião, com 80,5% dos produtores da cultura, e 79,7% da quantidade produzida de maracujá na safra 2014/15 e gerando mais de 79% do valor bruto da produção na regional. Os municípios são: Sombrio, Jacinto Machado, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Praia Grande, Treze de Maio e Urussanga.

Uso da terra

O total das áreas dos estabelecimentos da amostra foi de 767,7 hectares, sendo que em 276,4 hectares são de lavouras temporárias, como arroz, fumo, mandioca e feijão; e outros 261 hectares são de lavouras permanentes como o maracujá, banana e uva comum. As matas naturais ou plantadas abrangem 92,1 hectares da área total; enquanto 122,8 hectares são de pastagens; e ainda, mais de 15 hectares são de outros usos.

Na amostra há o predomínio de lavouras agrícolas temporárias e permanentes e de pastagens, podendo ser uma característica dos sistemas de produção que envolve os estabelecimentos produtores de maracujá na mesorregião Sul Catarinense.



Fonte: Autores.

Figura 1 - Utilização das terras nos estabelecimentos da amostra

Estratos de área por estabelecimentos, área colhida e produção.

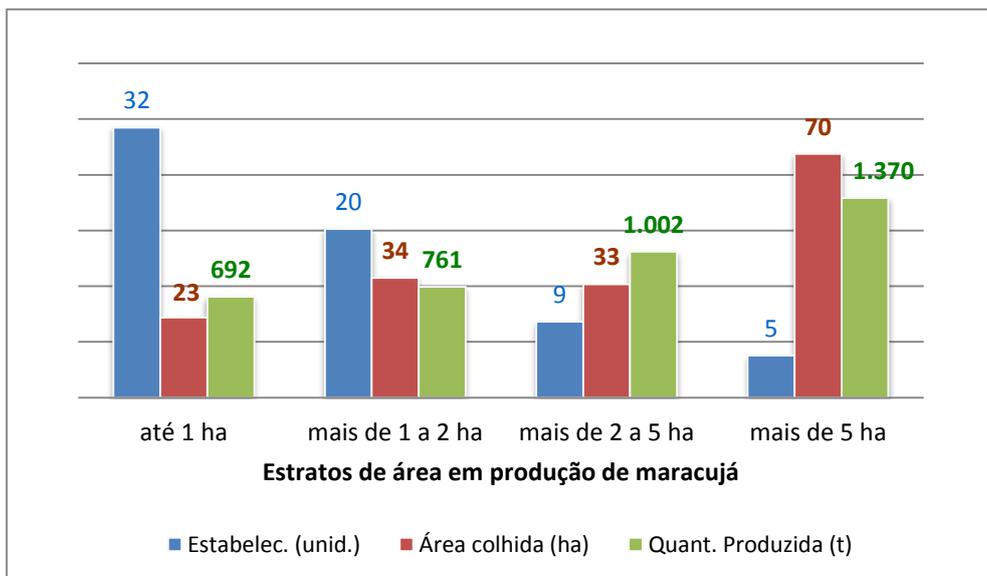
A área plantada de maracujá, na amostra, foi de 160,1 hectares, sendo que a cultura tem se apresentado como uma opção para o plantio em pequenas áreas.

Em 48% dos estabelecimentos, da amostra, a área em produção de maracujá é menor que 1 hectare, com área média por estabelecimento de 0,75 ha, com cerca de 30 mil kg.ha⁻¹. Neste estrato, o total da área colhida da fruta dos 32 estabelecimentos representa 14% do total, sendo que gerou uma produção de 18% referente ao total da amostra de 3.825 toneladas.

O estrato de 1 a 2 hectares representa 30% dos estabelecimentos. Este com área média colhida de maracujá de 1,72 ha por estabelecimento, sendo 21% da área em produção e com produção de 20% do total amostral.

Com 14% dos estabelecimentos, o estrato de área entre 2 a 5 ha apresenta uma produtividade média de 30,7 mil kg.ha⁻¹ em uma área média de 3,62 hectares.

Já, no estrato de mais de 5 hectares encontram-se 8% dos estabelecimentos produtores de maracujá na mesorregião representando 44% da área em produção da amostra e com produção de 36% do total amostral. Com área média de 14 ha por estabelecimento e produtividade fica em torno de 15, 5 mil kg.ha⁻¹.



Fonte: Autores.

Figura 2 – Número de estabelecimentos, área colhida e produção de maracujá – 2015/16

A cultura do maracujazeiro é bastante suscetível a pragas e doenças e é intensiva em trabalho, assim para cultivar áreas maiores, os produtores terão que investir mais em tecnologia e contratação de mão de obra, o que para muitos pode inviabilizar o cultivo.

Na amostra o plantio de primeiro ano foi de 67,5% para o total da área plantada. A área média para o cultivo de maracujá de primeiro ano está em torno de 1,5 hectares; enquanto, o plantio de segundo ano está em 0,9 hectares. Essa diferença entre área média plantada ocorre pela queda de produtividade que ocorre já no segundo ano de produção da cultura, fazendo com que muitos produtores diminuam suas áreas em relação à primeira ou mesmo façam plantio anual com mudas maiores para manutenção da produção.

Composição da renda

Do total do valor da renda anual dos produtores pesquisados, observa-se que 63,7% é resultado da venda do maracujá, indicando que esta atividade é uma importante fonte de renda para esses produtores.

A venda de outros produtos agropecuários contribuiu com 28,3% da renda. As culturas de arroz, fumo, banana e mandioca, assim como a produção de leite, aves, suínos e ovos aparecem como fonte de renda destes produtores.

A participação do trabalho fora da propriedade em setores do comércio, indústria e serviços foi de apenas 5,8%, indicando que a principal fonte de renda é a agricultura. A contribuição de aposentadorias e pensões é muito pouco expressiva, haja vista que grande parte dos produtores pesquisados não atingiu a idade para receber o benefício.

Canais de distribuição da produção de maracujá

Na amostra, os estabelecimentos produtores de maracujá relacionaram oito canais de distribuição utilizados para o escoamento da produção.

A venda para intermediários, em mais de 50% dos casos amostrados, representou o principal meio para a venda do maracujá. Na amostra foram identificados de três e cinco grandes compradores que são responsáveis pela classificação e embalagem da fruta *in natura* e do transporte até os mercados atacadistas das regiões Sul e Sudeste do país.

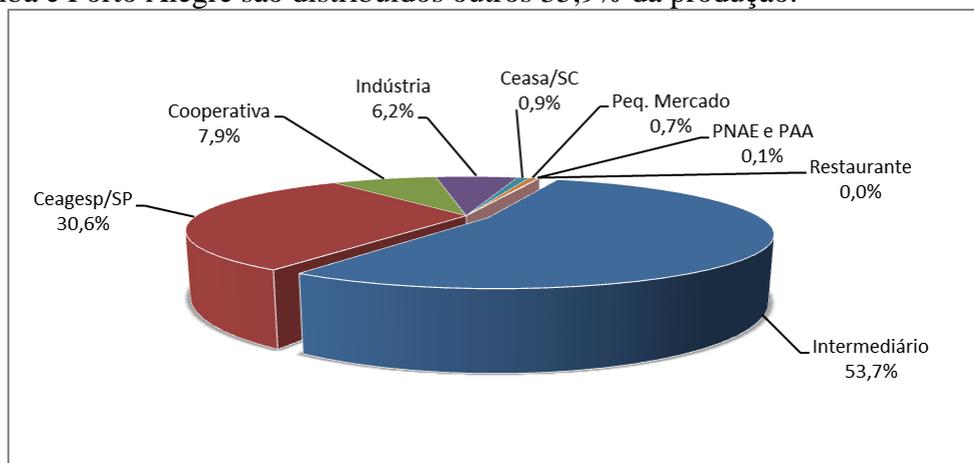
A venda direta ao Ceagesp/SP, representou mais de 30% dos canais utilizados, principalmente pelos maiores produtores que possuem casas de embalagem e veículos para

transporte para distribuição da fruta nas centrais de abastecimento de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Estes são parte do grupo anterior de intermediários que compram de produtores médios e pequenos.

As cooperativas são responsáveis pela compra de quase 8% da produção, sendo o principal destino as centrais de abastecimento catarinenses e paulistas, mercados locais e indústrias de processamento de polpa. A venda direta para a indústria é responsável por mais de 6% do volume comercializado, mas, pode sofrer oscilação conforme a qualidade da fruta nas safras.

A comercialização no Ceasa/SC, localizada na microrregião da Grande Florianópolis representa em torno de 1% da estratégia de venda da fruta in natura. Os demais destinos da produção são pequenos mercados locais, como mercearias, minimercados e feiras, além de vendas em mercados institucionais (PAA e PNAE) ou restaurantes locais.

Ao analisar os volumes de maracujá-amarelo catarinense comercializados nas principais centrais de abastecimento do Sul e Sudeste no Brasil, pode-se estimar que na safra 2015/16, a venda direta da fruta pelos (grandes) produtores na Ceagesp foi de 30,6%, com outra parcela da produção sendo comercializadas no entreposto paulistano por intermediários (17,8% da produção catarinense). Nas centrais de Campinas(SP), Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre são distribuídos outros 35,9% da produção.



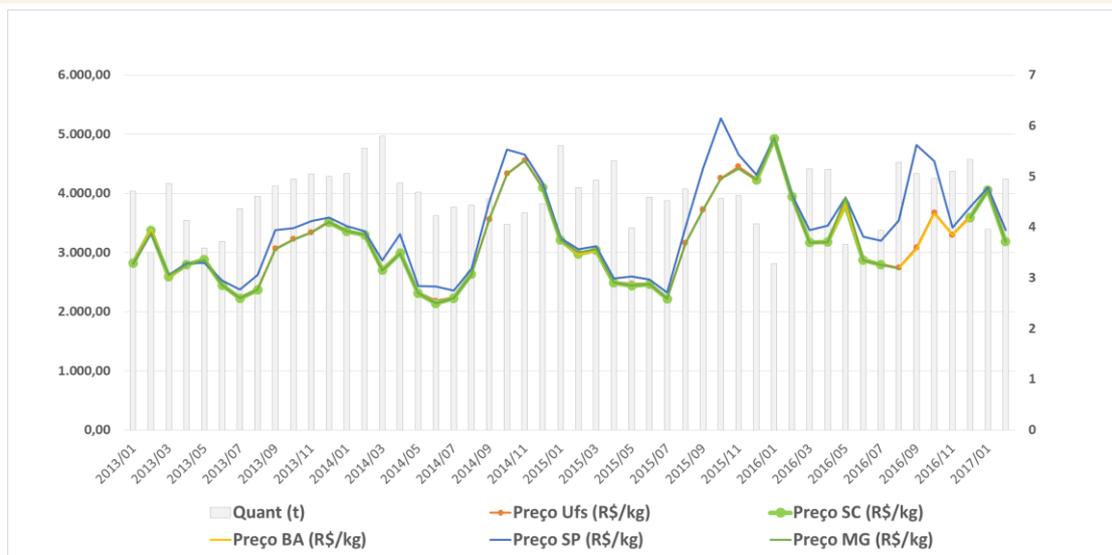
Fonte: Autores.

Figura 3 – Canais de distribuição do maracujá na amostra – 2015/16

Em 2016, em torno de 84% da produção catarinense de maracujá foram negociadas nas principais praças atacadistas do país, o que indica a aceitação da fruta catarinense que é reconhecida pela melhor qualidade da fruta para consumo *in natura*.

Em relação à logística de comercialização e distribuição de frutos de maracujá no Brasil, a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) é um dos principais centros de abastecimento dessa fruta.

De acordo com o Prohort/Conab (2017), O estado da Bahia participa com 55% a 65% do volume anual de maracujá comercializado no entreposto paulistano, ou mais de 30,5 mil toneladas da fruta, desde 2010. A partir de 2012, o maracujá de Santa Catarina passa a representar segundo maior volume negociado na Ceagesp, entre 9,5 mil e 11,5 mil toneladas, ou 20% e 25% do total anual. No entanto, nos meses de fevereiro e março, mais de 65% do maracujá negociado na Ceagesp era de origem catarinense no período de 2012 a 2016.



Fonte: Prohort/Conab (2017)

Figura 4 – Maracujá - Volume negociado e preços médios por UF na Ceagesp/SP

Em relação ao preço médio do maracujá-amarelo negociado na Ceagesp, a regulação se dá pelas condições de oferta e consumo em cada período. Desta forma, em análise aos valores da fruta em quilogramas praticados na Ceagesp verifica-se tendência de melhores preços médios a partir de setembro, devido a diminuição da oferta da fruta oriunda das Regiões Sul e Sudeste (GOULART JUNIOR, 2015). Por outro lado, com a maior oferta e consequente abastecimento da fruta verifica-se a tendência de acomodação e declínio dos preços médios já a partir de fevereiro-março no período analisado.

Assim, para o produtor de maracujá *in natura*, devido à oscilação da oferta de frutos e consequente variação de preços médios praticados é fundamental o planejamento da unidade de produção. Isso possibilita melhor distribuição e posicionamento da produção em períodos mais favoráveis à comercialização.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção agropecuária catarinense é bastante diversificada, o que contribui para um melhor dinamismo desse setor na economia local. Apesar desse dinamismo, o meio rural catarinense conta com antigos e novos desafios sociais, econômicos e ambientais a serem enfrentados.

A ampliação da competitividade da agricultura e da agroindústria catarinense, a redução da exclusão social e a sustentabilidade ambiental são desafios permanentes para as políticas e ações públicas.

É de fundamental importância o apoio à modernização tecnológica dos sistemas produtivos já consolidados; como também, o reconhecimento, a promoção e a valorização de novas cadeias produtivas e novas funções e configurações do mercado agrícola no estado.

No Brasil, o maior produtor de maracujá do mundo, os estados de Santa Catarina e Amazonas apresentaram taxas médias anuais foram positivas com novas áreas em produção e com pesquisas agropecuárias (Embrapa Amazônia Ocidental e Epagri/SC), no período entre 2012 e 2015.

Em 2015, a mesorregião do Sul Catarinense (SC) foi a mais representativa no crescimento médio anual da área colhida, com taxa de 64,0%, e na quantidade produzida, com 62,3%; enquanto, o VBP representou 2,4% do total nacional e gerados por 3,0% da produção em 2,3% da área colhida da fruta no Brasil.

O estado catarinense se destaca na cultura do maracujazeiro, com produtividades acima da média brasileira e as maiores taxa médias de crescimento anual de área colhida e produção no período entre 2012 e 2015. Em Santa Catarina, o maracujá na mesorregião do Sul Catarinense representa mais de 84% da produção e valor bruto da produção estadual da fruta.

Entre 2014 e 2015, a produção de maracujá aumentou 13% no estado catarinense, sendo que a mesorregião Sul Catarinense aumentou 14,9% representando 86% da produção no ano de 2015.

Como resultados parciais da pesquisa descritiva referente ao o levantamento de dados sobre a caracterização da produção e comercialização do maracujá na mesorregião Sul catarinense na amostra há o predomínio de lavouras agrícolas temporárias e permanentes e de pastagens, podendo ser uma característica dos sistemas de produção que envolve estabelecimentos produtores de maracujá na mesorregião. A área plantada de maracujá, na amostra, foi de 160,1 hectares, sendo que a cultura tem se apresentado como uma opção para o plantio em pequenas áreas. Em 48% dos estabelecimentos, da amostra, a área em produção de maracujá é menor que 1 hectare, em 30% dos estabelecimentos a área média colhida de maracujá foi de 1,72 há; enquanto no estrato de mais de 5 hectares encontram-se 8% dos estabelecimentos produtores de maracujá na mesorregião representando 44% da área em produção da amostra e com produção de 36% do total amostral. Do total do valor da renda anual dos produtores pesquisados, observa-se que 63,7% é resultado da venda do maracujá, indicando que esta atividade é uma importante fonte de renda para esses produtores. Na amostra, nos estabelecimentos produtores de maracujá três canais de distribuição utilizados para o escoamento da produção representam mais de 88%, são eles: intermediários, vendas diretas ao Ceagesp e cooperativas. A venda para intermediários, em mais de 50% dos casos amostrados, representou o principal meio para a venda do maracujá. A venda direta ao Ceagesp/SP, representou mais de 30% dos canais utilizados, principalmente pelos maiores produtores que possuem casas de embalagem e veículos para transporte para distribuição da fruta nas centrais de abastecimento de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. As cooperativas são responsáveis pela compra de quase 8% da produção, sendo o principal destino as centrais de abastecimento catarinenses e paulistas, mercados locais e indústrias de processamento de polpa. Em 2016, em torno de 84% da produção catarinense de maracujá foram negociadas nas principais praças atacadistas do país, o que indica a aceitação da fruta catarinense que é reconhecida pela melhor qualidade da fruta para consumo *in natura*. A partir de 2012, o maracujá de Santa Catarina passa a representar segundo maior volume negociado na Ceagesp, e nos meses de fevereiro e março, mais de 65% do maracujá negociado na central paulistana é de origem catarinense. Para o produtor de maracujá *in natura*, devido à oscilação da oferta de frutos e consequente variação de preços médios praticados é fundamental o planejamento da unidade de produção.

Dessa forma, o cultivo de maracujá na mesorregião do Sul Catarinense, por agricultores familiares, em pequenas propriedades apresenta-se como alternativa para a diversificação ou especialização no cultivo de fruteiras com geração de renda necessária ao meio rural catarinense. E, por isso, estudos e pesquisas são necessários para o desenvolvimento das cadeias produtivas e para o desenvolvimento rural sustentável no campo.

REFERÊNCIAS

BUAINAIN, A.M. & BATALHA, M.O. (Orgs.). **Cadeia produtiva de frutas**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Secretaria de Política Agrícola (MAPA/SPA) e

- Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Brasília: MAPA/SPA e IICA, 2007.
- BUSSAB, W.O. & MORETTIN, P.A. **Estatística básica**. 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CIRAD “Passion Fruit *Passiflora edulis* (Passifloraceae)” **FruiTrop**, October 2008, disponível em: <<http://passionfruit.cirad.fr/index.php/download/...>>
- EPAGRI-CEPA. **Relatório da Fruticultura Catarinense - safra 2014/15**. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2016, Série Documentos (no prelo).
- EPAGRI-CEPA. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2014-15**. v.1, Florianópolis: Epagri-Cepa, 2015 (ISSN 1677-5953).
- FAO, Committee on Commodity Problems, Intergovernmental Group on Bananas and Tropical Fruits, 5th Session, Yaoundé, Cameroon, 3 –5 May 2011 (**Tropical Fruits Compendium**)
- GIL, A.C. **Técnicas de pesquisa em economia**. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 1990;
- GOULART JR., R.; REITER, J.M.W.; MONDARDO, M. Panorama da Fruticultura Catarinense: levantamento de dados para a safra 2014-15. In: **X Encontro de Economia Catarinense**, 2016, Blumenau: FURB e APEC, 12 a 13 de maio de 2016. Disponível em: <<http://apec.pro.br/>>. Acesso em: 07/ jul./2016.
- GOULART JUNIOR, R. Maracujá. In: SCHMITT, D. R.; PADRÃO, G. A.; DOROW, R.; GOULART JUNIOR, R.; MARCONDES, T. **Boletim Agropecuário**. Florianópolis, Epagri, 2015. p. 12-13. (BOLETIM DE ECONOMIA RURAL Nº 29).
- IBGE. **Censo Agropecuário – 2006: Brasil, grandes regiões e unidades da federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sidra**. 2017. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado em: 18 jan. 2017
- PAM/IBGE. **Produção Agrícola Municipal (vários anos)** Rio de Janeiro: IBGE, 2017;
- MINGOTI, R. *et al.* Metodologia de análise crítica de dados estatísticos históricos sobre produção agropecuária. Campinas: Embrapa Gestão Territorial, 2014 (**Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Gestão Territorial, ISSN 2317-8779**);
- NGMC/NARI - New Guyana Marketing Corporation/ National Agricultural Research Institute. “Passion fruit Postharvest Care and Market Preparation”. **Technical Bulletin** n. 14, January, 2004;
- PAM/IBGE. **Produção Agrícola Municipal (vários anos)** Rio de Janeiro: IBGE, 2017;
- PROHORT/CONAB – Programa de Modernização do Mercado Hortigranjeiro do Conselho Nacional de Abastecimento. Disponível em: www.conab.gov.br. Acessado em: 15 mar. 2017.
- USAID – United States Agencia International Development/KHCP, Kenya Horticulture competitiveness Project (KHCP) ‘The EU Market for passion fruit’. Fintrac ; GrowKenya, **Market Survey #05**, december 2011.